



**SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

# **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**

**19 a 22 Junho 2012**

**Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

---

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, valores e modos de vida

---

**COMPARTILHANDO SIGNIFICADOS CULTURAIS: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO DA CULTURA SURDA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES SURDAS**

---

KLEIN, Madalena  
Mestre e Doutora em Educação  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel  
kleinmada@hotmail.com

---

KARNOPP, Lodenir Becker  
Mestre e Doutora em Linguística  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
lodenir.karnopp@ufrgs.br

---

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise  
Mestre e Doutora em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
lunazza@gmail.com



### Resumo

Este artigo analisa a produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. Problematisa as relações de poder envolvidas na produção de significados culturais e de identidades surdas. Filia-se aos Estudos Culturais por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações. As produções culturais dos surdos envolvem o uso da língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, contato esse que proporciona uma experiência bilíngue a essa comunidade. Mapeamos as produções culturais consolidadas em editoriais impressos ou em formato digital com distribuição comercial ou gratuita. Também coletamos produções culturais nas regiões brasileiras, com ênfase aquelas que circulam nos movimentos surdos organizados e nos espaços escolares. Priorizamos registros visuais como filmagens, a escrita da língua de sinais, as traduções da Libras e outras produções que tradicionalmente necessitavam do encontro presencial entre surdos. Estes registros visuais estabelecem relação singular tempo-espaço, abrindo outras possibilidades de encontros em que compartilhamento e trocas de significações são potencializadas. Nessas múltiplas possibilidades de produção, circulação e consumo da cultura surda, abrem-se novos desafios para pesquisas comparadas no campo cultural.

### Abstract

This article examines the production, dissemination and consumption of Brazilian Deaf culture. The research is related to Cultural Studies in Education and with Deaf Studies, which understand culture as a location for struggle over social meaning and deaf culture as a space for contestation and constitution of identities and differences. Deaf cultural productions involve the use of Sign Language, the belonging to a Deaf community and the contact with hearing people which enhances this community with bilingual experience. We have mapped out consolidated cultural productions in print or in digital format, with commercial or free distribution. We have also collected Brazilian cultural productions focusing the ones which are produced by Deaf movements and by Deaf schools. We have given priority to visual recordings such as filming, Sign Writing, Brazilian Sign Language translations to Portuguese and other productions which traditionally demand the meeting among Deaf people. These materials establish a remarkable time-space connection, creating new opportunities for research in which the sharing and exchange of meanings are enhanced. In the study of the production, dissemination and consumption of Deaf culture, new challenges have arisen to be researched within the cultural field.

Palavras-chave: Identidade-diferença; Cultura Surda; Produção de significados; Língua de Sinais; Estudos Surdos  
Keywords: Identities-differences; Deaf culture; Meaning production; Sign Language; Deaf Studies

PAP1114



## **Compartilhando significados culturais: produção, circulação e consumo da cultura surda e a constituição de identidades surdas**

Neste artigo apresentaremos dados da pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”<sup>1</sup>. Tal investigação, iniciada em 2010 (em andamento), tem sido desenvolvida por pesquisadores na área da Educação das seguintes instituições de ensino superior: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cabe destacar que essa pesquisa vincula-se a ações investigativas mais amplas junto ao Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos- GIPES, que congrega pesquisadores de quatro universidades do sul do país.

Olhar as produções culturais de comunidades surdas brasileiras permite-nos acessar, através da Língua Brasileira de Sinais, os significados culturais e de identidades surdas, presentes em materiais empíricos que circulam na internet ou em materiais editoriais. Nesse sentido, interessa-nos investigar o que ensinam esses materiais e quais identidades surdas são produzidas.

O projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” tem como objetivos (a) mapear as produções culturais das comunidades surdas brasileiras; (b) coletar as produções culturais nas diferentes regiões brasileiras, com ênfase nos espaços em que há um movimento surdo organizado; (c) analisar os processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. Com ênfase no registro das produções culturais de comunidades surdas, essa pesquisa prioriza os registros visuais, como as filmagens de histórias contadas em Libras, a escrita da língua de sinais, as traduções da Libras para a escrita da língua portuguesa e outras produções artístico-culturais em comunidades surdas. Tais formas de registro contribuem para a manutenção do leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais da comunidade surda. (Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin, 2011)

O presente estudo filia-se ao campo dos Estudos Culturais por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações. Cabe ressaltar que as produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue/bicultural a essa comunidade, ou seja, experiências que se dão no campo visual. Assim, esta pesquisa realiza a coleta e o mapeamento das produções culturais das comunidades surdas brasileiras nas diferentes regiões do país, com ênfase nos espaços em que há um movimento surdo organizado.

Apresentaremos neste artigo as análises realizadas a partir de uma primeira aproximação às produções da cultura surda que circulam nos espaços editoriais formais; às produções com circulação livre na internet; bem como às produções dos acadêmicos do Curso de Letras-Libras<sup>2</sup> organizadas ao final da disciplina de Literatura Surda. Com estes materiais, pretendeu-se analisar os processos sociais de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. Para a análise da produção dos artefatos culturais surdos, consideramos os discursos recorrentes e singulares que se apresentam nos materiais coletados. A partir disso, organizamos categorias de análise que emergiam desses discursos.

### **1.Os usos da cultura na contemporaneidade**

Stuart Hall, intelectual jamaicano, radicado na Inglaterra, tem realizado interessantes análises acerca das dimensões político-culturais da globalização e suas implicações na constituição das identidades culturais dos diferentes grupos sociais. Focando seus debates principalmente nas questões de diásporas pós-coloniais, este autor contesta as formas hegemônicas de entender a cultura, ao mesmo tempo em que salienta sua importância cada vez mais central na constituição dos modos de viver e de ver os sujeitos. A partir de um campo de pesquisa denominado Estudos Culturais, Hall e outros pesquisadores têm potencializado

investigações que focam populações culturalmente marginalizadas, procurando problematizar as relações de poder envolvidas na produção de significados e de identidades. Como argumenta Silva (1999, pp. 133-34):

De forma talvez mais importante, os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno de significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nesta concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos.

Afinados a esse campo epistemológico, pesquisadores envolvidos com a educação de surdos têm potencializado discussões para além do campo disciplinar da Educação, colocando as questões culturais como um *locus* privilegiado de análise e problematização. Várias investigações, desde o final da década de 90 do século XX, principalmente no Brasil, têm constituído outro olhar em relação aos surdos e a surdez, o que vem sendo reconhecido como o campo dos Estudos Surdos<sup>3</sup>. O presente estudo inscreve-se nesta perspectiva e entende a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e populações. A ênfase na dimensão centralizadora de uma cultura universal tem impossibilitado a visibilidade e o reconhecimento de processos culturais existentes em grupos minoritários: nesse contexto, situam-se as comunidades surdas.

Ao analisarmos as principais narrativas sobre cultura, encontramos historicamente a oposição natureza-cultura, ou seja, cultura é aquilo que é produzido pelo homem, distinto daquilo que é dado como “natural” e existente no mundo. Esse uso da palavra cultura, “serviu para distinguir o cultural do biológico ou genético e superar formas primárias do etnocentrismo [...] a consequência política dessa definição foi o relativismo cultural” (Canclini, 2005, pp.38).

Pode-se argumentar que essa concepção de cultura em oposição à natureza repercutiu na forma como os sujeitos e grupos surdos foram narrados e tratados pelas instituições ao longo da história. A ênfase no suposto dado da natureza — o ouvido anormal — negou qualquer possibilidade de narrativas que inscrevessem os surdos como grupo cultural, capazes de produzir significados a partir de suas experiências compartilhadas.

A partir da estreita relação que o contexto histórico pode estabelecer com o movimento surdo, gostaríamos de ressaltar que, ao percorrermos alguns fragmentos da história do movimento surdo, percebemos também essa ligação. Em outras palavras, enquanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas e em diferentes espaços sociais, também não existiam publicações ou o reconhecimento de cultura surda. O ensino priorizava o aprendizado da fala e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções culturais em sinais. No entanto, entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que para muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decisivamente incômoda, a referência a uma cultura surda.

Talvez seja fácil definir e localizar, no tempo e no espaço, um grupo de pessoas; mas quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem – ou podem surgir – processos culturais específicos, é comum a rejeição à idéia da “cultura surda”, trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica. Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. Nesse contexto, a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu revés. Não é uma cultura patológica. (Skliar, 1998, pp. 28)

Em geral, naqueles contextos escolares ou clínicos onde não se tolera a língua de sinais e/ou a cultura surda há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao humor, à poesia visual, enfim, às produções culturais em língua de sinais.

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida; no entanto, independente do local onde vivem, um dos fatores que os identifica é a experiência visual. Isso não se relaciona a perspectivas compensatórias como usualmente são descritos os surdos: pela falta do sentido da audição, eles desenvolveriam o sentido visual. Experiência visual está relacionada com a cultura surda, representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo.

O olhar para o surdo muito mais do que um sentido é uma possibilidade de SER outra coisa e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda. (Lopes; Veiga-Neto, 2006, pp. 90)

Não visualizamos a cultura surda como algo localizado, fechado, demarcado. Ao contrário, como algo híbrido, fronteiro, em que cada grupo cria “estratégias de diferenciação que organizam a articulação histórica de traços selecionados em vários grupos para tecer suas interações” (Canclini, 2005, pp. 48). Visualizamos no sentido que Heidegger (apud Bhabha, 2005, pp. 19) imprimiu aos locais da cultura quando considera que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*.” A cultura surda está presente entre nós, apresentando-se talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’, imprimindo outras imagens e outros sentidos daqueles até então existentes ou determinados pela cultura ouvinte.

A cultura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais e recuperar suas histórias reprimidas. Esse fato, entretanto, nos aponta os perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação da própria cultura, no sentido de trazer uma visão celebratória do passado ou uma homogeneização da história do presente. Nesta perspectiva, não estamos simplesmente opondo a cultura surda às outras culturas, mas direcionamos nossa análise à perspectiva apontada por Bhabha (2005, pp. 35) quando afirma “privado e público, passado e presente, o psíquico e o social desenvolvem uma intimidade intersticial. É uma intimidade que questiona as divisões binárias através das quais essas esferas da experiência social são frequentemente opostas espacialmente.”

Assim, a cultura surda tem apontado para o hibridismo cultural, no sentido de que “todas as culturas estão envolvidas entre si” e “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas” (Burke, 2003, pp. 53). Para exemplificar o hibridismo cultural, podemos citar o trabalho de dois poetas surdos – um brasileiro e o outro britânico, analisados por Quadros e Sutton-Spence. Tais poemas em línguas de sinais distintas os identificam enquanto pessoas surdas e, também, como membros de suas comunidades nacionais. Dizem as autoras:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. (Quadros; Sutton-Spence, 2006, pp. 111).

Encontramos uma vasta e diversificada produção cultural, presente em associações de surdos, em escolas, em pontos de encontro da comunidade surda. Algumas dessas são histórias contadas e resgatadas por surdos idosos e/ou por surdos contadores de histórias. Uma pequena parcela dessas produções culturais têm sido, mais recentemente, registradas em fitas de vídeo ou DVD, na Libras ou, então, traduzidas e registradas na língua portuguesa.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras)<sup>4</sup> – principal marcador identitário da cultura surda – é uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita dessa língua em seu cotidiano. A escrita dos sinais é a forma de registro das línguas de sinais, mas raras são as obras produzidas que utilizam essa escrita. Além disso, também são poucas as escolas que incluem a escrita dos sinais em seus currículos, não sendo ainda um sistema amplamente usado pela comunidade surda. Acreditamos, no entanto, que além das produções em vídeo (DVD), a escrita da língua de sinais é uma forma potencial de registro da cultura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e que circulem em diferentes tempos e espaços.

Cabe ressaltar que as produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue a essa comunidade. Neste sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa, também faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para a escolarização, a defesa dos seus interesses e cidadania. Pode-se pensar que o registro escrito em língua portuguesa favoreça a destruição da riqueza em sinais; mas esse registro, por si só, não é necessariamente um fator contrário, já que se pode pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais.

Além do registro das produções culturais de pessoas surdas através da escrita em língua de sinais e de traduções para a escrita da língua portuguesa, outras formas de documentação, como filmagens, são fundamentais para o registro das produções culturais que vão se perdendo ou se transformando. Para uma comunidade de surdos manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais são indispensáveis na criação de bibliotecas visuais, potencializados com a implementação de novas tecnologias da informação.

Quando referimos a Libras, isso não significa que ela seja utilizada da mesma forma por todos os surdos brasileiros. Como qualquer outra língua, ela está sujeita às variações regionais, adequando-se aos aspectos históricos, sociais e culturais das diferentes comunidades em que é utilizada. Da mesma forma, as produções artístico-culturais sofrem influências desses aspectos. Considerando então a não homogeneização da Libras e da cultura surda brasileira, a falta de registros dessas variações e desses atravessamentos de culturas regionais, torna-se cada vez mais urgente a realização de ações que priorizem a coleta e a análise desses materiais, no sentido de compor um acervo que sirva de referência para estudos sobre a cultura surda e sua inserção no contexto das culturas regionais e nacional.

Tradicionalmente a manifestação da cultura surda tem como requisito a necessidade do encontro entre surdos no mesmo espaço, sendo presencial e corpo-a-corpo. Isso estabelece uma relação singular tempo-espaço para que essas trocas culturais circulem entre as comunidades surdas. Contudo, a disseminação das novas tecnologias da informação tem estabelecido outras possibilidades de encontros em que compartilhamento e trocas de significações vêm sendo potencializadas. Diante dessas múltiplas possibilidades de produção, circulação e consumo da cultura surda, abrem-se novos desafios para pesquisas comparadas no campo cultural.

Podemos afirmar que as investigações relacionadas ao campo da cultura surda vêm construindo uma trajetória nos programas de pós-graduação em Educação, para os quais vem convergindo pesquisadores (surdos e ouvintes) de variadas áreas do conhecimento, estabelecendo um caráter interdisciplinar no desenvolvimento dessas pesquisas.

## **2. Aproximações aos espaços da Cultura Surda**

Passamos a seguir a descrever os procedimentos metodológicos trilhados na pesquisa. Inicialmente, foram definidas três categorias investigativas referentes às ações que implicaram os processos da investigação. São elas: “produções editoriais” que estejam oficializadas por uma autorização editorial; “produção com circulação livre na internet; e, “produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras”.

Para a catalogação dessas produções, organizamos uma planilha, procurando, dentro do possível, articular as especificidades de cada uma das categorias anteriormente apresentadas. A planilha registrou vários itens de

análise, entre os quais ressaltamos os seguintes: - título; - autor; - ano de produção; - editoras/instituição/responsáveis pela produção/divulgação; - público-alvo; - tipologia textual (informativo, persuasivo, lúdico); - elementos em material impresso; - elementos em material multimídia, entre outros. A seguir, apresentamos algumas das análises realizadas, procurando atentar para os efeitos que a noção de cultura surda evidencia nos diferentes espaços analisados.

## **2.1 As produções editoriais**

Através da coleta de dados nos materiais produzidos e veiculados por editoras ou outras instituições nacionais, foi possível perceber que alguns dos itens registrados e analisados se sobressaíam a outros. A partir dessa e de outras constatações que surgiram durante o trabalho, tornou-se possível problematizar algumas questões.

Nas primeiras aproximações ao contexto da pesquisa consideramos as produções editoriais, tais como livros e DVDs, como artefatos a serem analisados. Foram catalogadas noventa (90) obras, impressas e/ou em DVD. As editoras/instituições responsáveis pela produção/divulgação são variadas, sobressaindo-se as seguintes: INES/MEC; Arara Azul; LSB Vídeo; Paulinas; Ciranda Cultural; FENEIS; Editora da ULBRA, sendo que a maioria delas estão localizadas no eixo Rio – São Paulo, ou seja, uma prevalência de produções na região sudeste.

Quanto ao público alvo, a maior incidência se refere ao público infantil e infanto-juvenil, mas também encontramos produções dirigidas aos professores. Para este público alvo, principalmente, as produções têm caráter informativo em relação à surdez, ganhando visibilidade nos materiais coletados temas como: língua de sinais, a importância em conhecer os sujeitos surdos, processos inclusivos, entre outros.

Cabe salientar que em vários materiais encontramos uma forte tendência à medicalização da surdez, inscritos no paradigma clínico que procura enquadrar o surdo dentro da normativa ouvinte. Nessas produções formalizadas em editoras e outras instituições, grande parte da criação dos materiais não é de autores surdos, encontrando grande incidência de professores, fonoaudiólogas e outros profissionais ligados às áreas educacionais e clínicas, enfatizando questões da deficiência e da incompletude como representações da surdez.

Neste mesmo contexto editorial, evidenciam-se discontinuidades discursivas, nas quais os movimentos surdos, através de suas lideranças, lutam por questões relacionadas ao reconhecimento político e identitário dos surdos. Nas obras catalogadas evidenciam-se, ao lado das representações clínicas, também obras que contêm a presença de personagens surdos, intérpretes de língua de sinais, elementos da cultura surda, predominância de aspectos visuais, entre outros, que possibilitam a produção de outros olhares acerca da surdez.

Podemos constatar que a incidência das produções se dá entre os anos de 1999 – 2010, tempo em que tanto os movimentos surdos lutam pelo reconhecimento da surdez como diferença cultural, como as políticas educacionais tencionam discussões acerca da inclusão dos surdos no sistema regular de ensino. Os aspectos evidenciados no parágrafo anterior podem criar diferentes significados neste campo de lutas, uma vez que a língua de sinais, a experiência visual, os intérpretes de Libras, por exemplo, tanto se inscrevem com marcadores da cultura e da resistência surda, como podem ser significados como aparatos pedagógicos que possibilitam a inserção de surdos nos espaços escolares compartilhados com outros sujeitos ouvintes.

As questões até aqui levantadas provocam a continuidade das análises e possibilitam cruzamentos significativos com as demais categorias elencadas nesta investigação. Para tanto, no seguimento do artigo, apresentamos algumas especificidades, porém também possibilidades de articulações nas análises dos demais artefatos encontrados em circulação livre na internet ou produzidos pelos acadêmicos do curso Letras/Libras.

## 2.2 Produções com circulação livre na internet

O conjunto de materiais analisado a partir dos vídeos coletados no *youtube* demarca a circulação livre na internet de produções culturais surdas. Por meio dos registros visuais em categorias artísticas, como encenações, propagandas, piadas e demais manifestações de pessoas surdas podemos inferir que essas produções balizam a constituição das identidades surdas que, diante ao discurso da diferença, instituem formas na qual a cultura surda vem sendo representada em tal contexto midiático. Nesse sentido, os direcionamentos que se seguem nessa análise discutem a constituição de modos de ser surdo e a produção de significados que busca por essa diferença cultural.

Podemos visualizar uma diversidade de conteúdos que pontuam o consumo da cultura surda como forma de demarcação de espaço e poder. São produções discursivas de resistência surda que consomem a cultura para se reafirmarem como sujeitos culturais. É nesse sentido que tantos os vídeos produzidos pelas associações de surdos ( que giram em torno da divulgação de eventos para a comunidade surda e demais interessados), como os vídeos produzidos por líderes surdos de diferentes regiões do país (onde trazem como tema central a divulgação da língua de sinais) ou vídeos com conteúdos mais informativos ( se ocupam de fazer divulgações de utilidade pública), se constituem em artefatos culturais que colocam em movimento estratégias de jogos de poder/saber a fim de produzir identidades e diferenças surdas convenientes a essa contemporaneidade.

Nesse sentido, tratar da produção de identidades surdas remete às redes discursivas associadas às relações de poder que estabelecem os confrontos na busca de significação nas práticas sociais. O poder toma sentido na trama discursiva, ditando verdades, definindo contextos culturais e identidades, dando “lugar” a diferença.

Ao categorizar os dados coletados, alguns elementos mostraram-se recorrentes nesses materiais: em cerca de 34% dos vídeos analisados, há participação de ouvintes na produção dos vídeos, como em legendas, fundo sonoro e narração. No entanto, podemos observar que na totalidade das produções coletadas há atuação de pessoas surdas, com público alvo direcionado a pessoas fluentes em Libras.

Essa última recorrência permite-nos entender que a surdez vem sendo narrada a partir de um discurso da diferença linguística cultural. Nesse sentido, o surdo representa sua identidade como legitimação dentro da cultura surda, cabendo a eles o “lugar para [...] construir sua subjetividade de forma a assegurar sua sobrevivência e a ter seu *status quo* diante das múltiplas culturas, múltiplas identidades” (Perlin, 2004, pp. 78).

Esse lugar é inventado discursivamente. Ou seja, os sujeitos surdos produzem a si próprios, mas também são produzidos por uma vasta rede discursiva que os vai posicionando em determinados lugares. Nesse sentido, cabe outro olhar sobre esses dados. Entende-se que o percentual de participação de ouvinte na elaboração desses vídeos demarca uma maior dimensão de público alvo, direcionando também as questões da surdez aos internautas ouvintes.

A partir dessa compreensão torna-se possível afirmar que os discursos que circulam nos vídeos analisados estão produzindo determinadas formas de se entender cultura surda. Isso significa que essa noção não é mais tomada a partir de um referencial fixo e estável, como por exemplo, a idéia de que a cultura surda se limitaria ao uso da língua de sinais, mas no entendimento de que os próprios surdos vem, por meio do hibridismo cultural - algo central nas sociedades contemporâneas -, produzindo e alargando os significados para o que se convém chamar de cultura surda.

Outro destaque dessa analítica é para a autoria dos vídeos: há uma incidência muito grande da participação de associações de surdos, escolas de surdos, grupos de teatros surdos e atores surdos independentes que se destacam pelo grande número de produções divulgadas. Com isso queremos marcar a necessidade de que aquilo que é consumido como cultura surda ainda precisa estar legitimado pela representação surda. Isso fica mais evidente quando entendemos que a representação só pode ser entendida em um jogo de relações de poder em que os significados são produzidos por determinadas práticas discursivas, ou seja, o direito de representação, de constituição e apresentação da imagem cultural surda, está intimamente relacionado com o lugar que esses sujeitos ocupam nesse cenário cultural.

Diante dessa configuração podemos afirmar que as diferentes formas de produção da cultura surda analisadas nessa pesquisa estão inferindo não apenas na forma como a noção de cultura surda vem sendo significada nesse tempo/espaço, mas também o quanto esses deslocamentos na forma de entender a cultura surda vêm produzindo subjetividades surdas convenientes para a contemporaneidade. Podemos perceber que o uso dessa cultura pode ser articulado com a conveniência das formas de ser surdo, pois, “a conveniência da cultura sustenta a performatividade como lógica fundamental da vida social hoje” (Yúdice, 2004, pp.50). Ou seja, são formas de atuação, negociação e resistência adotadas socialmente pelos sujeitos surdos para se manter diferentes culturalmente.

### **2.3. Produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras**

Outro conjunto de materiais coletados e analisados na pesquisa constituiu-se de produções de narrativas e poemas em Libras, registradas em DVD, por estudantes do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (modalidade à distância, turma de 2008). Esse material foi produzido em Libras, na disciplina de Literatura Surda, sendo que catalogamos cento e oitenta e três (183) dessas produções de alunos dos pólos nas diferentes regiões brasileiras

A partir dos materiais catalogados, percebemos uma produtividade na constituição e no fortalecimento de certa feição das produções literárias em Libras. As produções estão marcadas pelas experiências que os surdos têm do uso da língua de sinais e da inserção em um ambiente familiar e escolar, em que circulam histórias preponderantemente em língua portuguesa. Ao analisar os materiais, a maioria dos alunos optou por traduzir fábulas e contos de ampla circulação, como “O sapo e o boi”, “A reunião geral dos ratos”, “João e Maria”, entre outros. As produções apresentadas caracterizaram-se basicamente como traduções de narrativas ou poemas, com uma tradução cultural, de textos de Esopo, La Fontaine, Hans Christian Andersen, Monteiro Lobato, Vinícius de Moraes e textos bíblicos. Outros construíram narrativas mais detalhadas, sendo algumas delas relacionadas às suas experiências de vida, experiências escolares ou sociais.

Quanto à tipologia textual, todos os materiais produzidos foram lúdicos, destacando-se os textos folclóricos (fábulas), humorísticos (anedotas, piadas), narrativos (contos, contos de fada) e poéticos. Acreditamos que essa tendência está relacionada ao tipo de trabalho solicitado na disciplina de Literatura Surda, a qual solicitava a produção de obra literária em Libras ou tradução de obra literária. O tempo utilizado pelos alunos para contar uma história ou poema foi variável, em torno de 1 minuto a 15 minutos.

Em geral, os acadêmicos manifestaram a preferência por narrativas e poemas traduzidos para a língua de sinais. Nesse caso, destacam-se as produções com marcadores da cultura surda, que apresentam ensinamentos para a vida, que possibilitam a imaginação e diversão e que priorizam performances em língua de sinais. A maioria dos vídeos apresenta o sinalizador em primeiro plano, dando ênfase e destaque para a visualização clara em Libras. Houve também, em alguns trabalhos, o uso de ilustrações, encenações e utilização de legenda no momento em que a história era apresentada. Destaca-se o uso estético dos sinais na produção de histórias e de poemas, com ênfase nos classificadores e na expressividade linguística.

As fábulas foram as narrativas preferidas. Supomos que o tempo seja um dos fatores considerados ao selecionar uma fábula para apresentar. No entanto, é possível sugerir que há preferência por textos que evidenciem ensinamentos de vida, que contenham uma “mensagem” ao final da história. São textos que ensinam, emocionam, provocam; incentivam a vencer na vida, mostram a igualdade sem distinção; são também exemplos de bondade, humildade, carinho; ensinam o que é certo na vida; têm moral na história.

As narrativas e poemas apresentados pelos surdos podem ser entendidos como dispositivos de resistência e de marcação cultural, pois os sujeitos testemunham seus legados através de suas produções. Assim, abre-se a possibilidade de (re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido, dando uma visibilidade a muitos protagonistas anônimos a partir das histórias que são traduzidas, adaptadas, inventadas.

### 3. Negociações da Cultura Surda – notas finais

As possibilidades de registros visuais elencadas no presente estudo estabelecem uma relação singular tempo-espaço, abrindo outras possibilidades de encontros, em que compartilhamento e trocas de significações são potencializadas entre as comunidades surdas, tanto presencialmente, quanto em espaços virtuais. Entendemos que essas narrativas ali produzidas não são “um campo passivo de mero registro ou de expressão de significados existentes” (HALL, 1997, p. 47). Esses significados são historicamente construídos, sendo que o dito pelos surdos está inserido em um campo discursivo possível em nosso tempo.

Em uma das aproximações ao contexto da pesquisa, consideramos as produções editoriais, tais como livros e DVDs, como um dos artefatos a serem analisados. Até o momento, foram catalogadas noventa (90) obras, impressas e/ou em DVD. A coleta das obras foi realizada por meio de doações de livros e, posteriormente, através de buscas em sites de editoras, com acesso predominante aos catálogos e em alguns livros virtuais. A maioria destas obras foi distribuída pelo Ministério da Educação às instituições educacionais. As produções se centralizam em materiais lúdicos ou informativos e, em sua maioria, são dirigidas ao público infantil. Os materiais em DVD ou CD apresentam ou não a língua de sinais, utilizando-se, em alguns casos, das legendas em língua portuguesa.

A investigação teve também como ferramenta de trabalho o ambiente virtual *You tube*, onde são postados vídeos de livre acesso aos internautas. No que se refere às categorias dos vídeos analisados, há uma grande incidência na categoria artística, como encenações, propagandas, piadas e demais manifestações de pessoas surdas, que acabam por balizar a constituição de identidades surdas. Evidencia-se nessa análise produções de caráter lúdico e informativo. Há a participação do público ouvinte, no caso na produção de legendas de fundo sonoro e narração. Isso corrobora com a idéia de que os discursos sobre cultura surda se encontram enredados e articulados em uma rede saber e poder, no qual significados culturais são negociados permanentemente a fim de marcar espaços que possam legitimar o que se convém chamar cultura surda.

Outro conjunto de materiais analisados foi a produção de narrativas e de poemas em Libras, desenvolvido por alunos surdos e ouvintes do Curso de Graduação em Letras-Libras da UFSC, na modalidade à distância, nas turmas de 2008, Licenciatura e Bacharelado. O material produzido pelos acadêmicos é bem diversificado, destinado a usuários de língua de sinais de diferentes faixas etárias. Essas produções evidenciam que o uso da língua de sinais, com efeitos estéticos, é priorizado ao se contar uma história ou produzir um poema. Os poemas apresentados em Libras acentuam as expressões faciais e corporais, com ritmos e rimas próprios da língua de sinais, enfatizando um uso estético de configurações de mão, locações ou movimentos. Além disso, os alunos priorizam os textos narrativos que circulam nacionalmente, principalmente as fábulas e os contos, inserindo elementos da cultura surda. As narrativas são preponderantemente relacionadas a “ensinamentos” de vida.

De certo modo, ao analisarmos os materiais observamos que a cultura surda serve de base ou garantia para fazer reivindicações da diferença no espaço público. Uma vez que a cultura é o que possibilita a criação de espaços em que as pessoas podem se sentir ‘seguras’ e ‘em casa’, a cultura surda é mais do que um ajuntamento de ideias, narrativas e materiais. Ela é fundamentada na diferença, que funciona como recurso. Com base em Yúdice (2004, p. 43), podemos dizer que o “o conteúdo da cultura diminui em importância à medida que a *utilidade da reivindicação da diferença* como garantia ganha legitimidade. O resultado é que a *política* vence o conteúdo da cultura.”

### Referências Bibliográficas

Bhabha, Homi (2005). *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Burke, Peter (2003). *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora UNISINOS.

Canclini, Nestor García (2005). *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- Hall, Stuart (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 22, n.2, jul/dez, p. 15 – 46.
- Lopes, Maura Corcini e Veiga-Neto, Alfredo. (2006) Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: *Revista Perspectiva*. v. 24, n. especial - jul./dez. Florianópolis: UFSC, p. 81- 100.
- Quadros, Ronice Muller e Sutton-Spence, Raquel (2006). Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Muller (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, p. 110 – 165.
- Silva, Tomaz Tadeu da (1999). *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silveira, Rosa; Bonin, Iara; Silveira, Carolina (2011). *A diferença em livros infantis recentes – representações de surdos e de surdez*. (Texto digitado. Trabalho apresentado no II Seminário Internacional sobre Exclusão, Inclusão e Diversidade na Educação. João Pessoa/PB).
- Skliar, Carlos. *Surdez* (1998). Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.
- Yúdice, Geroge (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG.

---

<sup>1</sup> Edital 07/2008, (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Cultura - CAPES/MinC – PROCULTURA)

<sup>2</sup> O Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras é uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina, com o objetivo de formar profissionais na Língua de Sinais Brasileira (professores e tradutores-intérpretes). O Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras, turma 2008, foi desenvolvido na modalidade à distância em rede nacional nas seguintes instituições educacionais: UEPA, CEFET/RN, UFBA, UFC, UFPE, CEFET/GO, UFGD, UnB, CEFET/MG, INES/RJ, UFES, UNICAMP, UFSC, UFRGS, UFPR.  
(<http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>)

<sup>3</sup> Termo emprestado de grupos de investigação principalmente britânicos (Deaf Studies/Universidad of Bristol) os Estudos Surdos iniciaram sua trajetória de investigações e proposições no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Inspirados nas discussões que ali se realizavam no campo dos Estudos Culturais em Educação, pesquisadores — surdos e ouvintes — apresentaram outras formas de analisar a educação de surdos, invertendo uma visão patológica para uma perspectiva cultural da diferença. É uma das características desse campo de estudos o engajamento junto aos movimentos sociais surdos, trazendo para a agenda das pesquisas temas até então pouco evidenciados como as relações de poder/saber, os discursos e as representações sociais e a constituição dos sujeitos surdos, entre outras. Cabe ressaltar que os Estudos Surdos proliferou nos diferentes espaços acadêmicos, não havendo uma produção homogênea neste campo.

<sup>4</sup> A Língua Brasileira de Sinais – Libras – foi oficializada no Brasil através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, resultado da luta dos movimentos surdos organizados em diferentes cidades do país. Essa luta transcorreu por muitos anos, mobilizando os surdos brasileiros e motivando a troca/divulgação desta língua, elemento imprescindível na cultura surda brasileira.